



Edson Matsuo: um ativista criativo a fazer história na Grendene

“Respeito à diversidade é chamar pessoas para uma festa, inclusão é dançar com elas.”

(Edson Matsuo)

Um designer por trás de um filósofo ou um filósofo por trás de um designer? Antes de mais nada, um gênio inventivo que enxerga nas pessoas o verdadeiro elo a conectar alma e calçado. Autointitulando-se um dos ativistas criativos da Grendene, Edson Matsuo comanda muito mais que produções de sapatos. Há 35 anos na Grendene, ele resgata fragmentos de uma história permeada de deliciosas coincidências e amor pelo ofício.

Lançamentos – Você chegou a Farroupilha disposto a entranhar em um mercado alternativo ao calçado, com um projeto de bicicleta. Acabou na Grendene e, inclusive, quando completou 30 anos de empresa, foi presenteado com uma réplica do seu protótipo. Como foi?

Edson Matsuo – Eu chorei de surpresa, de gratidão. Chorei por estar em uma empresa que, em primeiro lugar, te contrata para fazer algo que você nunca fez, em um ambiente de muita confiança e muito aprendizado. Então tem essa história que eu acredito que não seja treino, que não seja curso, mas que a empresa seja desse jeito. O grande desafio é: como isso continua com as novas gerações. É muito bonito. Hoje em dia se fala muito de inovação, mas inovação começa com as pessoas, não existe inovação sem pessoas e isso já era feito mesmo sem sabermos.

Lançamentos – E a contratação?

Matsuo – Eles disseram: quer trabalhar conosco? Fazer chinelo e tal. Eu expliquei que havia feito um mas que não pretendia fazer vários, era o o Rider 86. Era o momento certo, com pessoas certas. Aí disseram: o pessoal gostou de ti, eles vão te ensinar e vai dar tudo certo. Pensei: o

presidente falando isso comigo, nesse jeito “vamos lá que eu confio em ti”. Achei que esses caras eram malucos. Fiquei três anos e meio em um hotel, achando que não iria durar. Acabei ficando e já são 35 anos.

Lançamentos – Desistiu da bicicleta?

Matsuo – No fundo, eu trabalho com veículos, não trabalho com sapatos nem com bicicletas. O sapato é um veículo para levar as pessoas em direção aos seus sonhos. Essa é a minha história, não é uma coisa ou outra. O sapato caminha para frente, eu nunca vi sapato andar de ré. Sempre para frente, feito um GPS.

Lançamentos – Como ser exclusivo em um ambiente competitivo?

Matsuo – É engraçado essa palavra “exclusivo”. O quanto você pode ser exclusivo fazendo algo igual. Então a exclusividade é única e eu tenho pra mim que isso é algo que tem a ver contigo, e não com uma quantidade de gente, com o que te toca. Eu sou muito feliz e grato porque tudo o que eu fiz dependeu deste ambiente. Então existe um linguajar de start up, de inovação que é o ecossistema. A Grendene é um ecossistema no qual as pessoas são centro.

Lançamentos – Qual o calçado que você mais gostou de conceber?

Matsuo – Eu digo que foi a Aranha que é, sem dúvida, o ícone que começou. E o Rider 86. Porque em 86 eu fiz parte da geração que criou ele. Eu só impulsionei a história da Aranha. Os ícones são: a Aranha, o Rider 86 e tem aquele calçado que faz emocionar quem usa e quem compra. Esses são os que eu gosto. E eu gosto do Rider 86 e da Aranha porque

eles representaram algo para as pessoas. Não foi um produto único que ganhou prêmio e ninguém usou. Tem muito produto de design que ganha prêmio mas não deu aquela sensibilidade para ninguém, então que prêmio é esse? O prêmio é a quantidade de pessoas que caminharam com ele, pra mim esse é o prêmio, que é o clássico. O clássico, como um Fusca, um Fiat 500, ou uma Kombi. Não é o feio ou o bonito, é o clássico. Muitas pessoas usaram e ainda usam.

Lançamentos – Como foi criar sapatos de plástico em meio à indústria tradicional?

Matsuo – Hoje tem um cenário diferente. Todo mundo está com uma procura de fazer algo novo, existe uma inquietude do próprio país, mas na década de 80, a gente não era nem sequer classificado como uma empresa de calçado, éramos uma coisa fora. Eu vejo que a Grendene é o que é porque não estava no Vale do Sinos, porque a gente não sabia fazer o calçado como no Vale do Sinos, então nunca iria acontecer. Na época, tinha até um museu de sapato que não tinha o Rider exposto. Sapato de plástico, o que é isso? Hoje no mundo, sem saber que era impossível, somos sinônimo de uma categoria mundial.

Lançamentos – Qual o desafio do calçado brasileiro?

Matsuo – Receber como uma benção essa multietnia, essa diversidade que nós temos e incluí-la nas marcas. Não é só respeitar a diversidade. Respeito à diversidade é chamar pessoas para uma festa, inclusão é dançar com elas. E dançar é colocar junto uma posição de marca. Isso é autêntico, não falso. Isso está crescendo entre as marcas.